

A close-up, high-resolution photograph of a child's eye, looking slightly to the left. The eye is light-colored, possibly grey or blue, with a dark pupil. The surrounding skin is fair and has a soft, natural texture. The lighting is soft and even, highlighting the fine details of the eyelashes and the skin's pores.

EUGENIO MUSSAK

um

E OUTRAS CRÔNICAS

novo

SOBRE UM

olhar

MUNDO VOLÁTIL

*Inegrare*



EUGENIO MUSSAK

um

E OUTRAS CRÔNICAS

novo

SOBRE UM

olhar

MUNDO VOLÁTIL

Copyright © 2016 Eugenio Mussak  
Copyright © 2016 Integrare Editora e Livraria Ltda.

Editores  
André Luiz M. Tiba e Luciana Martins Tiba

Coordenação e produção editorial  
Estúdio Ciça Reis Comunicação

Copidesque  
Rafaela Silva

Revisão  
Pedro J. Reis

Projeto gráfico e diagramação  
Gerson Reis

Capa  
Q-pix – Estúdio de criação – Renato Sievers

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Andreia de Almeida CRB-8/7889**

---

Mussak, Eugenio

Um novo olhar : e outras crônicas sobre um mundo volátil  
/ Eugenio Mussak. -- São Paulo : Integrare Editora, 2016.  
224 p.

ISBN 978-85-8211-076-8

1. Crônicas 2. Reflexões 3. Filosofia I. Título

CDDDB869.8

16-0708

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crônicas brasileiras

Todos os direitos reservados à INTEGRARE EDITORA E LIVRARIA LTDA.

Rua Tabapuã, 1123, 7º andar, conj. 71/74  
CEP 04533-014 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel. (55) (11) 3562-8590

Visite nosso site: [www.integrareeditora.com.br](http://www.integrareeditora.com.br)

# dedicatória

*Para Rodrigo e Erik, meus filhos.  
Ambos mudaram, e mudam, meu olhar sobre  
a vida e seus valores.*

# apresentação

Há muitos anos ouvi pela primeira vez uma palavra que eu não conhecia, mas, muito jovem, e talvez envergonhado de minha ignorância, tratei de fazer de conta que havia entendido o que meu interlocutor queria dizer a respeito de outra pessoa, sobre quem falávamos, e de quem tínhamos algumas queixas.

“O problema é que ele é extremamente sectário” – foi o que ouvi, e não entendi, mas concordei com a cabeça. Como o assunto era um terceiro amigo, que eu conhecia bem, e de quem gostava muito apesar dos defeitos (que é como todos nós gostamos dos amigos, não é mesmo?), pude deduzir o que meu interlocutor queria dizer. Afinal, o outro era o que costumamos chamar de cabeça-dura.

Mais tarde pedi a ajuda de outro amigo – este, sem defeitos, sempre me ajudou em momentos de dificuldade.

Seu nome é dicionário..., e descobri que sectarismo é um substantivo masculino derivado do latim *sectarium*, e se refere a alguém que pertence a uma seita e que é seguidor de seus dogmas. Até aí tudo bem, mas, como os dogmas são verdades que não admitem contestação, e são a base das crenças, a palavra passou a ser aplicada, de modo pejorativo, a todos aqueles que não aceitam discutir qualquer tema que contenha alguma oposição às suas convicções.

Percebi, então, que aquele amigo era desse tipo, sim. Era o dono da verdade. Todos deveríamos ser vassallos de suas opiniões, e pronto. Ele jamais aceitava mudar sua opinião, rever seus conceitos, ouvir a versão alheia. Ele nunca lançava um novo olhar sobre velhas opiniões. Jamais ajustava suas lentes internas para ver com mais nitidez um tema, uma situação ou uma possibilidade. Devo dizer que a convivência com pessoas assim pode, até, ser divertida, se você tiver muito bom humor, mas se torna difícil em qualquer cotidiano.

É verdade que, para cada um de nós, o mundo é exatamente como o vemos. E é bem possível que a realidade seja o conceito que tem mais variações, pois ela sempre será apresentada a partir da percepção de cada um, e esta, como sabemos, além de individual, é mutante. Uma das vantagens de já ter vivido bastante, é ter a noção de que nada é permanente, a começar pela maneira como vemos, analisamos, entendemos e reagimos aos fatos da vida.

Mas, para se beneficiar dessa mutância, é preciso estar dotado de um espírito leve, ter preservado a qualidade infantil da curiosidade, e possuir a humildade dos que são sábios. Vale a pena, acredite, pois aumenta tremendamente nosso potencial de aprender e de conviver com a miríade de interpretações, até encontrarmos a que mais se aproxima da vida como ela é.

Ao juntar os textos que dão corpo a este livro, me dei conta que o traço comum a eles é a proposta de reanálise de fatos, muitas vezes corriqueiros e, por isso mesmo, cristalizados conceitualmente.

Como explicar que personagens tão diferentes como Fritjof Capra, Andrew Lloyd Weber, Malcolm Gladwell, Gerard Moss e Astor Piazzolla convivam, harmoniosamente em um mesmo texto? O que um físico, um criador de óperas, um jornalista investigativo, um piloto de avião e um compositor de tangos têm em comum?

O corpo deste livro explica. Além de introduzir outros tantos personagens fascinantes, todos eles capazes de promover um novo olhar sobre o mundo e sobre a vida, com suas infinitas possibilidades.

Sem prepotência, sem a ambição de ser o antídoto ao sectarismo, mas com o desejo sincero de tocar corações e mentes de forma leve, este breve livro, composto por trinta textos provocativos, oferece a sugestão do novo olhar sobre alguns fatos, com os quais, todos nós nos relacionamos de alguma forma.

Temas como a sustentabilidade, o tempo, a dor, a necessidade, o desejo, a coragem e a elegância, são aqui apresentados através de breves crônicas do cotidiano, a maioria vividas pelo autor.

O olhar da capa, sugerido pelo editor, é o olhar da criança, livre de estereótipos e de preconceitos. Curioso e atento, sempre disposto a olhar de novo e ver o novo. É o olhar da esperança, do porvir, da renovação e da alegria. É o olhar com que eu tenho tido o maravilhoso privilégio de conviver há um ano. O olhar da contracapa tenta, nem sempre com sucesso, imitá-lo.

Broadway Ao apresentar a você, meu leitor amigo, mais este livro, aproveito para agradecer à Lu, minha companheira da aventura de viver. Sem ela, quase nenhuma de minhas obras teria acontecido nos últimos 16 anos. A começar pelo olhar da capa...

Minha gratidão também à Luciana e ao André Tiba, meus competentes, pacientes e insistentes editores.

Bom novo olhar!

*Eugenio Mussak*

*Julho 2016*



# sumário

	dedicatória . . . . .	5
	apresentação . . . . .	7
1	um novo olhar . . . . .	15
2	tudo se conecta . . . . .	21
3	o uróboro . . . . .	27
4	a aventura da rotina . . . . .	35
5	bendita frustração . . . . .	41
6	detalhes . . . . .	49
7	as sobremesas . . . . .	57
8	abandono . . . . .	63
9	glória do cotidiano . . . . .	69
10	o bom e o belo . . . . .	75
11	otimismo . . . . .	81
12	um ensaio sobre a dor . . . . .	87

13	sempre tem um <i>mas</i> . . . . .	93
14	o maestro e o tubarão . . . . .	99
15	tempo, inteligência e coragem . . . . .	105
16	adaptação não é acomodação . . . . .	111
17	a alavanca e o braço . . . . .	117
18	o desapego pragmático . . . . .	123
19	aprendendo a desaprender (ou como manter a alma nua) . . . . .	129
20	capricho . . . . .	135
21	ops, derrubei a torta! . . . . .	141
22	mantendo a calma . . . . .	147
23	falar é bom, fazer é melhor . . . . .	155
24	a esquina de babel . . . . .	163
25	um homem elegante . . . . .	171
26	uma experiência sensual . . . . .	179
27	um drinque em nova iorque . . . . .	187
28	o <i>terroir</i> de cada um . . . . .	197
29	um lugar sagrado . . . . .	205
30	o trem para paris . . . . .	213



um  
novo  
olhar

# 1

## um novo olhar

**Não pense em como as coisas poderiam ter sido. Pense em como elas podem vir a ser.**

Finalmente visitei a Ópera de Paris. Sempre tive atração por aquele monumento também conhecido pelo nome de *Opéra de Garnier*, em homenagem a seu arquiteto. Queria ver a arquitetura neoclássica, o impressionante sistema construtivo, que permitiu levantar um palácio em cima de um pântano e conhecer melhor sua história, que se confunde com algumas revoluções, tão caras aos franceses.

Mas, confesso, meu maior fascínio era uma ficção. Sim, pois teria sido aquele lugar fantástico o lar de um

personagem misterioso, temido, injustiçado. Estou me referindo ao Erik, o fantasma. O Fantasma da Ópera. Quando vi o lustre de sete toneladas pendurado sobre o auditório de poltronas de veludo vermelho, por exemplo, não pude deixar de pensar em como o Fantasma o teria derrubado. E como teria provocado o blackout instantâneo para sequestrar Christine do palco. Por qual porta teria saído? Para onde a teria levado? Coisas da imaginação...

Na verdade, três histórias se encontram naquele lugar. A história da ópera em si, a do fantasma e a do mito em que ele se transformou. A ópera foi uma encomenda do imperador Napoleão II ao prefeito de Paris, o genial urbanista Georges-Eugène, o barão de Haussmann, em 1858. O prefeito, que estava redesenhando Paris no traçado que tem até hoje, definiu o local onde deveria ficar o edifício e abriu concorrência entre arquitetos de toda a Europa. O vencedor foi Charles Garnier, com um projeto maravilhoso. Seria caríssimo, mas era compatível com o espírito de grandeza da época.

Um rio subterrâneo quase inviabilizou a obra, que só prosperou pela teimosia de Haussmann, que não queria mudar o local; pela competência do próprio arquiteto e pela fortuna que o imperador resolveu investir. O terreno foi sendo “encaixotado” com pedras e betume, formando um lugar seco para os alicerces. Hoje há um lago no subterrâneo, onde a fundação é permanentemente verificada pelos engenheiros franceses.

A obra foi interrompida durante a revolução que depôs o imperador, sendo os porões da ópera usados como prisão, local de tortura e morte. Foi daí que surgiu a lenda de que os fantasmas daqueles que lá morreram circulam pelas salas e corredores para sempre.

No começo do século XX, um dos frequentadores do ópera era o jornalista e escritor Gaston Leroux, autor de contos e romances ligeiros, e que estava em busca de uma obra definitiva. Fã de Vitor Hugo, Bram Stoker e Mary Shelley, Leroux queria seu próprio Quasímodo, Drácula ou Frankenstein. Foi quando, em 1910, na ópera, teve a ideia de criar um fantasma... seu Fantasma, para assombrar o imaginário e a emoção dos leitores.

A história de Erik, um ser misterioso, de aparência horrível, que se apaixona por uma bela soprano e termina por raptá-la, provocou algum interesse nos meios literários, mas logo caiu em esquecimento. Gaston Leroux não era, definitivamente, um Vitor Hugo.

Mas, o que lhe faltava em estilo foi compensado por uma boa dose de sorte. Em uma noite cultural de Paris, acabou conhecendo um americano judeu baixinho, chamado Carl Laemmle, que era, simplesmente, presidente da Universal Motion Pictures de Hollywood.

Por sorte ele tinha um exemplar de seu livro no bolso. Por sorte o americano teve insônia naquela noite. Por sorte o leu, e gostou do que leu. Por sorte ele tinha recém produzido um filme sobre o corcunda de Notre Dame, numa Paris cenográfica caríssima, que podia ser

reaproveitada para uma nova produção. O filme foi feito e deu início a uma nova fase do Fantasma. Depois desta, outras versões surgiram, sendo o Fantasma interpretado por importantes atores na época, como Lon Chaney Jr., Calude Reins e Maximilan Schell, com imensas intervenções no texto original.

Mas foi um desconhecido produtor teatral de Londres que provocou, sem querer, a nova virada na carreira do Fantasma, muitos anos depois. Sua montagem, em um pequeno teatro ao leste de Londres, não fez muito sucesso, mas quis o destino que, entre os espectadores estivesse um conterrâneo seu chamado Andrew Lloyd Weber, que se transformaria no fabuloso compositor, produtor, diretor e homem de negócios, responsável pela ressignificação dos musicais, entre eles *Cats*, *Evita* e *Sunset Boulevard*.

E foi Weber que lançou um novo olhar sobre a história de Monsier Leroux. Até então a trama era trabalhada como uma história de terror. No lançamento do filme, por exemplo, em um bem bolado plano de marketing, havia saís aromáticos no saguão do cinema para acudir as madames mais exaltadas. O Fantasma de então era um *thriller*. Só Weber percebeu que aquela tragédia era, na verdade, uma história de amor.

A partir de então, tudo mudou para Erik, o Fantasma da Ópera. Agora ele seria um herói, um homem destituído de beleza física, marginalizado pelo preconceito, atormentado pela solidão, mas forte o suficiente para sobreviver à desgraça e para lutar por seu ideal de amor, Christine.

O musical de Lloyd Weber acabou sendo o mais visto de todos os tempos. Dezenas de montagens já foram realizadas, inclusive em São Paulo. Milhões de pessoas em todo o mundo já derramaram lágrimas ao ouvir Christine cantando “*In sleep, he sang to me, in dreams he came...*” e o Fantasma respondendo “*Sing once again with me, our strange duet...*”. Impossível não se emocionar.

Essa história toda me faz refletir sobre a importância do novo olhar. Ver o que não se viu ainda. Perceber o novo, procurar novos ângulos, estabelecer novas relações, criar perspectivas inéditas. Weber é Weber porque percebeu o amor do Fantasma, o drama humano de Evita, a alegria dos gatos de beco. Todos já vimos um gato. Quantos de nós o imaginamos cantando *Memory*?

Mas ninguém precisa ser Weber, Lammler, Garnier, nem Ledoux. Não precisamos escrever livros, construir teatros, produzir filmes ou musicais como exercício para o novo olhar sobre a vida.

Basta olhar com novos olhos nosso cotidiano, o trabalho, o casamento. Esse é um exercício simples, que resulta em resultados igualmente mágicos e transformadores. Como disse Christine, em um dos diálogos com o Fantasma, “Não pense em como as coisas poderiam ter sido. Pense em como elas podem vir a ser”.



# 2

## tudo se conecta

**A falta de percepção das interdependências  
está matando nosso planeta.**

O corredor era longo naquele prédio imponente em Brasília onde eu tinha acabado de dar uma palestra, e agora caminhava com passos largos. Ao longe vi o homem que iria encontrar. Como eu, ele também caminhava apressado e, como eu, era um sujeito alto e magro, com cabelos revoltos. Quando nos aproximamos, sorrimos um para o outro.

— Gérard?

— Eugenio?

Apresentados pelo Júlio Fiadi, nosso amigo comum, eu e o Gérard Moss rapidamente nos tornamos íntimos, pois tínhamos interesses e visões de mundo muito parecidas. Além disso, esse suíço-inglês naturalizado brasileiro, engenheiro mecânico, piloto de avião, pesquisador e defensor incansável da ecologia, tem uma qualidade que considero imprescindível: o bom humor.

Inteligente e de espírito livre, Gérard coleciona aventuras, desde uma viagem de mobilete pelos Alpes aos treze anos e uma travessia do Pacífico em um pequeno veleiro, até duas voltas ao mundo em pequenos aviões. Aliás, aviões brasileiros: um monomotor Sertanejo e um motoplanador Ximango.

Mas o que eu estava realmente interessado em conhecer era sua pesquisa sobre os “rios voadores”, um dos melhores exemplos de interdependência que a Natureza nos dá. E que parece que teimamos em não entender.

Gérard, que voou 120.000 quilômetros com sua mulher Margi, em um avião anfíbio, pousando em rios, lagos e represas Brasil afora, é um dos grandes conhecedores da situação de nossas águas. Fez 1.160 coletas, depois analisadas por cientistas em laboratórios especializados. A este projeto, chamado “Brasil das Águas”, seguiu-se outro, em que o aviador procurou identificar a origem do vapor d’água, das chuvas e dos rios no Brasil. Então surgiu o conceito dos rios voadores.

— Resumindo – disse ele, didático, enquanto terminávamos nosso café – a umidade gerada pelo Oceano

Atlântico é trazida para o continente pelos ventos alísios. É atraída pela floresta Amazônica, que a absorve, funcionando como uma bomba de água. Depois, a umidade passa pelo ciclo da floresta e é propelida em direção à Cordilheira dos Andes.

— A água então cruza a Cordilheira em direção ao Pacífico? – perguntei.

— Só uma parte. Como a Cordilheira é uma barreira com mais de 4 mil metros, a maior parte desvia para baixo, trazendo água para o centro-oeste, sudeste, sul do Brasil e para os países vizinhos. Essa água vem em forma de umidade e provoca as chuvas nessas regiões. Estes são os importantíssimos rios voadores.

— É por isso que o Brasil inteiro deve cuidar da Amazônia – concluí – senão vai faltar água para todos, como já está acontecendo.

— Exatamente, o nível de interdependência das regiões brasileiras no que diz respeito ao clima é imensa. Muito maior do que a maioria das pessoas imagina. Por isso a informação é fundamental, para aumentar a conscientização de todos, a começar pelos políticos e grandes empresários. Se acabarem os rios voadores, vão acabar também os rios e os reservatórios de onde tiramos água para beber.

Entre todas as conversas que tive com pessoas espetaculares, sobre as interdependências da natureza e da vida humana, esta, com o Gérard Moss, foi uma das mais impactantes. Talvez porque ele não seja um teórico

de gabinete. É um viajante diferenciado, que esteve em todos os lugares, que sentiu o gosto das águas e que voou ao sabor dos ventos, da pressão atmosférica e da umidade dissolvida no ar, no Brasil e no mundo. Ele insiste no potencial hídrico de nosso país, “o maior e melhor do mundo”, mas está preocupado com as mudanças provocadas pelo desrespeito à verdade lógica e cristalina de que tudo está ligado a tudo.

Outra pessoa especial com quem tive o prazer de conviver é o físico austríaco Fritjof Capra. Nos conhecemos em um congresso e rapidamente identificamos nossos pontos de convergência. Seus livros, especialmente o *Ponto de Mutação* e o *Tao da Física*, provocaram um forte impacto em minha juventude e estimularam minha curiosidade para sempre. Estivemos juntos em Berkeley, onde ele mora, e no Mato Grosso, quando navegamos pelo rio Cuiabá.

— A falta de percepção das interdependências está matando nosso planeta – disse-me ele, que deixa isso cientificamente claro em seu livro *A Teia da Vida*. O que me intriga é que ele fala calmo, sorrindo, enquanto me serve vinho no restaurante de tapas próximo à universidade.

Capra tem um ar de condescendência com a ignorância, mas não se acomoda. É um paladino da *ecological literacy* – a alfabetização ecológica, a habilidade para entender os fenômenos naturais de que fazemos parte.

Sua obra mais conhecida é *O Ponto de Mutação*,

em que ele defende que devemos desenvolver um pensamento holístico, em oposição ao pensamento cartesiano, reducionista e fragmentário vigente. O livro inspirou o filme *Mindwalk*, que no Brasil conservou o nome do livro. Nele, três pessoas conversam durante uma visita à ilha de Saint Michel, na França – um senador americano, uma física nuclear e um poeta. O diálogo é maravilhoso.

Em uma passagem, o senador Jack Edwards diz que precisa ver as partes para entender o todo, que não consegue descrever uma árvore sem falar do tronco, dos galhos, raízes ou folhas. Pobre senador... É quando a cientista Sonia Hoffman alega que isso é muito pouco, que é melhor ver a árvore em função de suas interdependências, sem falar de suas partes. Diz ela:

— Há trocas sazonais entre a árvore e a terra, entre a terra e o céu. Uma gigantesca respiração que a Terra realiza com suas florestas nos dando oxigênio. O sopro da vida, ligando a Terra ao céu e nós ao Universo. Uma árvore é o habitat de pássaros, o lar de insetos. Dos frutos que ela produz, só um ou dois resultarão em novas árvores, entretanto, centenas de aves e outros animais sobreviverão graças a eles. A árvore também não sobrevive sozinha. Para tirar água do solo depende dos fungos que vivem em suas raízes. O fungo precisa da raiz e a raiz precisa do fungo. Se um morrer o outro morre também. A isso chamamos de interdependência.

Definitivamente, entender a teia da vida, as relações de causalidade, as comunicações incessantes entre tudo

e todos, a interdependência dos homens entre si, com a sociedade e com a natureza é mais do que cultura geral, é consciência, abertura de mente, lucidez. E é, também, questão de sobrevivência. Para pensar.

“Um dos temas em que filósofos e físicos estão de acordo, é que o olhar do observador tem o poder de modificar o fato observado. O olhar. A maneira como vemos o que vemos – essa é a chave. Para modificar a realidade temos que, primeiro, mudar a maneira como a observamos. Lançar um novo olhar e a mágica acontece.

Esse pensamento tem grande utilidade diante de um problema, uma dificuldade que parece insolúvel. Einstein (falando em físicos...) disse ser impossível encontrar uma solução usando o mesmo modelo mental que criou o problema.

É preciso criar um novo ângulo de visão, olhar a questão com outros olhos. Aliás, esse é o papel dos consultores de empresas, ou mesmo dos psicólogos de consultório. Eles olham com os olhos deles, que são diferentes dos nossos, e nos ajudam a modificar o nosso próprio olhar, do nosso jeito. “Veja por este ângulo...” -, dizem, e o mundo começa sua metamorfose. “

ISBN 978-85-8211-076-8



9 788582 110768 >